



QUEM ME COMPRA UM CHAPEU DE CHUVA?

— Quem me compra um chapéu de chuva?
Era este o grito que soltava uma pobre pequenita, a Therezinha, sobraçando um enorme guarda sol, que lhe fatigava os tenros bracinhos.

E é de veras galante a Therezinha. Carinha muito oval, olhos pretos vivíssimos, boquinha que parece um botão de rosa, nariz pequenino e correctô. Ninguém dirá ser ella uma rapariguita creada no campo.

A Therezinha não é feliz, coitada. Apesar da sua meiguice natural, soffre os maus tratos do padraсто, homem grosseiro e mau. A mãe afflige-se, quer defendel-a, mas nada pôde contra a brutalidade do marido que, de mais a mais, deixa a miúdo que o vinho lhe leve o juizo.

A nossa Therezinha, como vimos, continuava a caminhar, gritando sempre: *quem me compra um chapéu de chuva?* Mas ninguem a chama, ninguem precisa do guarda-chuva, de sorte que a pequenita mostra-se desalentada. Dirige-se a todos que passam, offerecendo-lhe a mercadoria; mas recebe sempre a mesma resposta: *não quero.*

— Ai, meu Deus! que triste sorte a minha!

— exclamou ella ao ouvir a recusa de mais um sujeito a quem se dirigira.

Havia uma tal expressão de desanimo no modo porque a Therezinha pronunciou aquellas palavras, tanta amargura e, ao mesmo tempo, profunda afflicção, que o sujeito sentiu-se impressionado e parou.

— Então quanto queres pelo teu guarda-chuva?
— perguntou-lhe, para travar conversa.

— Dezeseis tostões! — acudiu logo a Therezinha muito soffrega e com os olhos brilhando de esperanza, se é que o brilho não provinha d'alguma lagrima que por alli estava a querer escapar-se.

— Dezeseis tostões? — repetiu o sujeito. — Não é caro... Mas de que me serve comprar um chapéu tão grande e desairoso?

— Serve para fazer uma esmola... — murmurou a Therezinha.

— Uma esmola? não posso fazer esmolas tão caras —olveu o desconhecido, para obrigar a pequenita a explicar-se.

— Compre, compre, meu senhor! por Deus lh'ô peço... senão batem-me...

— Batem-te!... isso agora requer explicação. Porque é que te batem?

A Therezinha baixou os olhos e não respondeu.

— Vamos, explica-te, se queres que te compre o chapéu.

— Pois eu lhe conto, mas não diga nada! — supplicou a pequenita. — Meu pae morreu antes de eu o conhecer. Annos depois, a minha mãe tornou a casar, para se livrar da miseria em que vivia. Mas não foi feliz. O meu padraсто tem mau genio, ralha por tudo, e quando é só ralhar... O officio d'elle é sombreireiro; mas nenhum mestre lhe dá trabalho, por custar muito a aturar, principalmente quando está com a sua pinguinha; de modo que é em casa que faz alguns chapéus, e manda-me vendel-os pelas ruas. Infelizmente, nem sempre ha freguezes. Ha tres dias que trago este chapéu, e não encontro comprador. Quando hontem á noite appareci em casa sem levar dinheiro, o meu padraсто ficou furioso; ralhou muito, disse que eu era um mostrengo, uma vadia, que não servia para nada, e...

A Therezinha calou-se e limpou os olhos.

— E... o que? — perguntou o desconhecido.

— E disse-me que se eu hoje voltasse para casa sem levar dezeseis tostões do chapéu, me fazia os ossos n'um feixe e me punha no meio da rua! Lá as pancadas era o menos... já estou habituada, paciência; mas ver-me sósinha, sem ninguém, sem abrigo... que seria de mim?... Compre-me o chapéu, meu bom senhor!

O desconhecido sentia uma grande commoção.

A singela e triste historia da pequenita impressionou-o extraordinariamente.

— Ah! tens os dezeseis tostões — disse elle.

— Oh! Deus lh'o pague! — exclamou a Therezinha, sinceramente agradecida. — O senhor foi um anjo que me appareceu!

— Quem sabe! — murmurou o desconhecido.

E alteando a voz accrescentou:

— Tu querias sahir da companhia do teu padraсто?

— Oh! se queria! Mas...

— Mas o que?

— Tinha pena de minha mãe.

— Tua mãe podia ir ver-te muitas vezes. Se quizeses, vaes para um collegio, que eu pagarei, e dar-te-hei o mais que fór necessario. Queres?

— Bem dizia eu que o senhor foi um anjo que me appareceu! — respondeu a Therezinha, começando a beijar as mãos do seu bemfeitor.

De facto, o desconhecido dirigiu-se ao padraсто da pequenita, e propoz-lhe encarregar-se da educação da Thereza. O homem disse logo que sim. A mãe, coitada, sentiu o apartamento; mas, por outro lado, regosijou-se, porque não mais veria a filha receber maus tratos.

O sombreireiro, que tinha já transformado em vinho uma parte dos dezeseis tostões do guardachuva, ao ver a Therezinha afastar-se pela mão do desconhecido, murmurou com a lingua entaramellada:

— Levas... um bom .. mostrengo!...

MATTOS MOREIRA.



GIGI OU A DESCOBERTA D'UMA VOCAÇÃO

(Imitação)

POR MARIA RITA CHIAPPE CADET

(Continuação)

Organisou-se, com licença do avô, um passeio militar, que acompanhavam dois criados.

Sahiu a pequena tropa, e foi passar debaixo do torreão, que encimava a porta da quinta, a cuja varanda estavam as duas meninas.

Mesmo já debaixo da varanda, o *general* Jorge, desatendendo todas as leis da cortezia, que o deviam levar a cumprimentar com a continencia militar as *castellãs*, passou e, a uns risinhos zombeteiros d'ellas, respondeu com uma *atroz injuria*, deitando a lingua de fóra!!!

As *castellãs* desmaiaram, e o *capitão* Raul,

esquecendo o respeito devido ao *seu chefe*, quebrou a espada, e atirando com os pedaços de folha de flandres aos pés do *seu general*, enfiou pela porta da quinta, que se fechou immediatamente sobre elle.

Poucos instantes depois, quando ainda o *general* e o *seu exercito*, não tinham tornado a si da surpresa d'aquella conducta inesperada do *bravo capitão*, subia este ao torreão, e do alto da varanda declarou a guerra ao *seu antigo chefe*.

Este mandou fazer *meia volta á esquerda*, e

retirar ao quartel, onde em breve *allocução* exhortou os *soldados* a serem-lhe fieis, não imitarem o *capitão* Raul, e disse-lhes que, no domingo seguinte, teria lugar a batalha, procurando tomar de assalto o torreão, prender o *desertor* e as *castellãs*, com as quaes, em attenção ao seu sexo, se guardariam todas as considerações.

Estava declarada a *guerra*!...

Jorge, porém, precisava bem reconhecer o campo inimigo, e lembrou-se que de casa da prima Bertha se via perfeitamente o portão da quinta das meninas Guimarães, onde Raul se refugiara.

Pediu licença ao avô para lá ir na quinta feira passar o dia, por ser feriado, mas querendo fazer as coisas todas em regra, nomeou um substituto; e como um dos da *tropa* era filho do administrador do concelho, fez com que lhe passasse um *boleto*, afim de ser recebido na quinta da menina Bertha como *aboletado*. Era um observatorio excellente. De um alto mirante se dominava toda a quinta do morgado Guimarães. Gigi pediu á *castellã* que lhe desse um oculo para observar a posição do inimigo, e ella trouxe-lhe o seu pequenino oculo de theatro, e um cabazinho com fructa e doces, a que elle prestou mais attenção, que ás manobras militares.

IV

O *general* Gigi em segunda todo entregue ao seu dever, mirou e remirou, com o oculo de theatro da prima, os jardins circunvisinhos e a quinta das meninas Guimarães.

Nada de suspeito se divisava.

A rua estava completamente deserta; alguns gatos apenas se enroscavam beatificamente ao sol, nas soleiras das portas ou nos beirões dos telhados.

Viam-se nos quintaes alguns homens tranquillamente occupados do trabalho agrario.

Todaya, n'essa tarde estava destinado dar o assalto á fortaleza.

Aquelle socego, aquella indifferença, a falta de movimento deram que pensar ao *general* Gigi.

Depois de ter estado algum tempo no mirante em observação, desceu, com a fronte anuviada por sombrios pensamentos.

Preveniu a prima Bertha do que se passava, e do ataque que ia ter lugar á tarde.

— Será preciso fazer fios? — perguntou ella com todo o ardor da caridade; queres que mande preparar a *ambulancia*?

— Sim; é bom arranjar tudo, não sabemos o que pôde succeder.

Agora vou ao *quartel general*, onde estão as tropas reunidas.

Ao entrar a gradé do jardim, bradou:

— Dois homens de coragem e dedicação.

Mauricio e outro sahiram das fileiras.

— Prompto!

— Vou confiar-lhes um posto perigoso, estão dispostos?

— A vencer ou morrer, meu *general*! — res-

ponderam ao mesmo tempo os dois soldados, com uma perfeita convicção.

— Bom, então sigam-me.

O *general* Gigi levou então os seus dois *homens* á esquina da rua da Torrinha. Ao passar defronte da quinta da prima Bertha, disse-lhes indicando-lhes a entrada.

— Eu vou para alli; devem vir aqui dar-me parte das suas observações.

A uns trinta metros, collocou-se Mauricio, e Carlos a quatro ou cinco de distancia para a esquerda, sobre um pequeno monticulo de terreno.

Feito isto, voltou para casa da prima, e do alto do mirante, onde instalara o *observatorio*, ficou vigiando com o oculo as sentinellas avancadas.

No fim de alguns minutos, que lhe pareceram seculos, viu o *general* Gigi que o Mauricio vinha correndo para a quinta, e não vinha só; trazia agarrado pela gola da jaqueta um rapazinho todo roto e descalço, que parecia á força obrigar a andar.

O *general* Gigi desceu immediatamente, e veiu á porta da rua, ao encontro dos recem chegados.

— Quem é esse homem que trazes ahí? — perguntou franzindo o sob'olho, e fazendo uma voz grossa e irritada; e ao mesmo tempo tomava uma posição magestosa com as mãos atraz das costas, e o comprido sabre do avô a bater-lhe nos calcanhares. — Co'a fortuna! não conheço esse homem.

— Meu *general*, replicou Mauricio, este sujeito tem todas as apparencias de ser um espião!

— Um espião!! não pode deixar d'exclamar o *general* Gigi.

— Sim, meu *general*.

— E d'onde pode formar essa supposição?

— Aquí está, meu *general*, como as coisas se passaram: Do logar onde estava, via por cima dos muros o que se fazia dentro dos quintaes; de repente, para os lados do *campo inimigo*, vi como um grupo de homens que se occultavam atraz de um vallado. Olhei mais attentamente, e como não visse mais nada, julguei ter-me enganado.

Todaya escondi-me o melhor que pude atraz de uma arvore, e esperei. De repente veiu saltar o muro, mesmo detraz de mim, este senhor e assobiar; fixei logo n'elle toda a minha attenção. Como eu estava só, pareceu não desconfiar de mim, e subia ao monticulo de terra, onde eu estava, voltando-se para o lado d'onde viera, e fazendo signal como se não houvesse nada, a alquem que eu não podia ver.

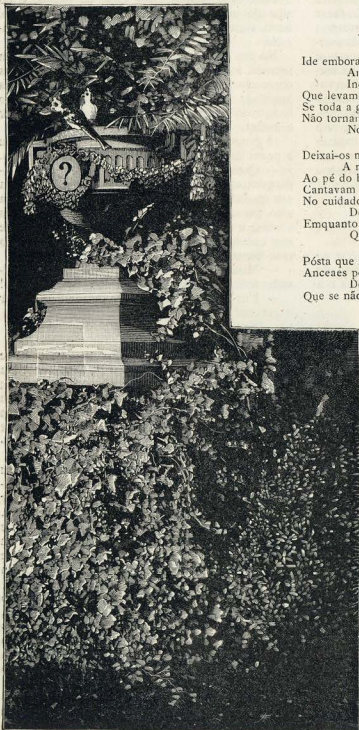
Continuei a observar-o disfarçadamente. Então voltou-se para a quinta das meninas Guimarães, pondo as mãos nos olhos para evitar os raios do sol, e poder ver melhor. Feito isto e julgando que eu não reparava, voltou-se outra vez para o lado d'onde tinha vindo, e fez ainda o mesmo gesto que já fizera, e que era como quem diz: Não vejo nada!

Parece que lhe deram alguma ordem tambem por signaes, porque desceu muito devagarinho do

monticulo para a estrada, assobiando e olhando cautelosamente para um e outro lado, como quem procura alguem ou alguma cousa. Então decidi-me a descer atraz d'elle, e quando passei ao pé, como já não desconfiava de mim, saltei-lhe em cima e antes que tivesse tempo de perguntar porquê não porque não, atei-lhe as mãos atraz das costas com o meu lenço de assoar, e isto com segurança, como pôde verificar, meu *general!* Pronunciando estas ultimas palavras, o *soldado* Mauricio estava todo orgulhoso, e com toda a ufania que lhe inspirava a sua *briosa* acção.

— Muito bem! — disse o *general* Gigi; ficas promovido a cabo. Enquanto a ti, meu rapaz, vaes ser apresentado ao conselho de guerra; no entanto, Mauricio, leva-o para a prisão provisoria, a caopeira que está vazia no pateo da entrada, e guarda-o a vista.

Em seguida chamou o filho do caseiro, que assentara praça ha dias no seu regimento, e mandou-o ao *quartel general* convocar o capitão Guilherme, que substituirá o rebelde Raul, e o tenente Alfredo, para se reunirem em conselho de guerra. (Continúa).



AOS MENINOS

Ide embora, meninos, que é peccado,
 A mar aos passarinhos,
 Indiscretos brinquedos,
 Que levam lucto á paz de tantos ninhos!
 Se toda a gente andasse a perseguil-os,
 Não tornaria ninguem mais a ouvil-os
 Nos densos arvoredos.

Deixai-os modular doces modilhos,
 A musica do ar.
 Ao pé do berço, enquanto ereis creanças,
 Cantavam vossas mães plantando esp'ranças
 No cuidado jardim dos seus amores...
 Deixai-os vós cantar,
 Enquanto arrulham embalando os fillos
 Que dormem sobre flôres...

Pósta que fôr a*perfida varinha,
 Anceaes por vér a saltitar no cháo
 Descuidosa andorinha,
 Que se não lembra da infantil traição.

Ninguem se move... Comprims no seio
 O ardente respirar,
 Para que não ponhaes em sobresalto
 O bom do passarinho
 Que tentaes algemar.

Se vos ouvisse respirar mais alto,
 Mudaria o caminho
 Por fugir aos pequenos salteadores,
 Que o estão esperando como vis traidores!

Eil-o que se aproxima embevecido
 Na tarefa que tem todos os dias.
 Vem cheio d'incerteza e d'alegrias...
 Se podesse voltar tão bem provido
 Como hontem voltou! Mas se lhe falha
 A fortuna que teve,
 E não acha migalha
 Que, venturoso, leve!...

Entretanto descobre
 A farta refecção — uma riqueza
 Para quem é tão pobre...
 Venturosa surpresa!
 Olha em roda... Ninguem... Escuta... Ousou...
 Ergueu no bico a sua leve presa,
 E... preso elle ficou.

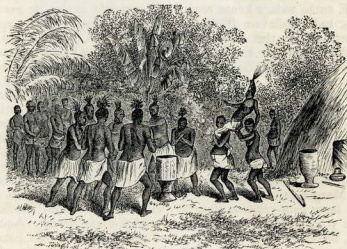
Surge de toda a parte a vozeria,
 O febril alvoroço,
 Conjuncto de mil vozes d'alegria...
 O passarinho é vosso,
 Podeis emfim leval-o.
 Mas se já vos lembrou tel-o captivo,
 E' bem melhor... matal-o.

ALBERTO PIMENTEL.

NOIVADO N'UMA ALDEIA AFRICANA

O viajante Cameron descreve d'este modo uma festa de noivado a que assistiu na Africa:

«Quando cheguei (a Quibae-hiéli) estavam no seu auge, por meu mal, uns festejos nupcias. A noiva era sobrinha do *quibólo*, e o noivo pertencia ao numero dos grandes do reino; a festa era portanto extraordinaria e celebrava-se com batuques e cantoria, que duraram toda a noite, sem me deixar dormir nem um minuto.



«Andavam constantemente uns doze homens a dansar em roda, e dois a tocar tambores. Os dansarinos, munidos de panellas sem fundo, produziam sons discordantissimos, e a enorme turba dos espectadores assistia espantada, gritando desentoadamente e batendo as palmas. Isto sem cessar; apenas um se retirava cansado, logo outro lhe ia occupar o logar.

«No dia immediato, de tarde, appareceu o noivo, que executou um solo durante perto de meia hora. Por fim, chegou a noiva, rapariga de nove a dez annos, vestida com toda a garridice que a aldeia podia produzir, e trazida aos hombros d'uma mulher, vindo outra a amparal-a.

«Formou-se então novo circulo. As mulheres

que transportavam a noiva, ficando no centro, começaram a saltar doidamente, ao passo que a desposada abanava o corpo e os braços, como se os tivesse dormentes. O noivo deu-lhe uns pedaços de folha de tabaco, e uns punhados de missanga, que ella, com os olhos fechados, espalhou ao acaso entre os dansadores, lançando-se estes avidamente sobre taes objectos, com a creença de que apanhal-os e possuil-os dava felicidade.

«Concluida esta cerimonia, a noiva, apeada dos hombros das mulheres, dansou dez minutos, fazendo gestos muito extravagantes, até que por fim o consorte levantou-a ao ar, metteu-a de baixo do braço e levou-a para a sua palhota.

«A dança, a gritaria e o batuque ainda continuavam no dia seguinte, quando partimos.

«A mulher que transportara a noiva havia desempenhado por certo mui rude tarefa, pois reparei que tinha esfolada a pelle das costas e dos hombros.»

Quando entrará deveras a civilização no continente negro?

O CRITICO

(CONTO DE ANDERSEN)

(Conclusão)

Talvez julguem que dizendo *sala*, eu quero dizer uma grande casa, de grande pé direito, deslumbrante de luzes, com o chão forrado de custosos tapetes, nas paredes quadros de illustres pintores, e moveis esplendidos, e *crystaes*, e bronzes; não, era apenas uma casa grande, quadrada, com as paredes caiadas; mas, quando ao som da musica, uma viola e uma flauta, o

pedreiro passou o braço pela cintura da sua noiva e deu as primeiras voltas, pareceu-lhe, como por encanto, ver tudo coberto de diamantes e flôres. Todos admiravam o par gracioso; todos lhes desejaram mil venturas. Muitos annos depois o pedreiro morreu; mais tarde ou mais cedo sempre isto succede. Morreu com a consciencia de que nem seus filhos nem a sua viuva morre-

riam de fome, isto é, tranquillo a respeito do que elle mais estimava no mundo.

Chegámos ao terceiro irmão. Concluiu com resignação os seus estudos; soffreu na officina muitos desgostos; mas conseguiu ser architecto, e membro da academia; uma rua, cujo plano elle fez, conserva ainda hoje o seu nome; já é alguma cousa, mas o nosso architecto alcançou ainda coisa melhor: teve a ventura de casar com uma viuva, nova, formosa e muita rica; viveu muito tempo na opulencia e quando morreu fizeram-lhe magnificas exequias.

Emquanto ao homem de genio, o quarto irmão, que desejava rejuvenescer a arte e fazer escola, esse apenas conseguiu o sufficiente para viver n'um quinto andar, d'onde cahiu um dia na rua, ficando logo morto. E então toda a gente reconheceu o seu talento, todos fallavam d'elle; á beira do tumulo pronunciaram tres discursos; elevaram-lhe um monumento, etc. Emfim este tambem trabalhou, tambem produziu alguma coisa!

O quinto irmão, o critico, sobreviveu aos outros; teve a ultima palavra; e isto era essencial para elle. Lendo os seus escriptos, todos diziam: Que espirito! que intelligencia! que admiravel erudição!

Chegou a sua hora e foi bater á porta do paraizo. Chegou alli, ao mesmo tempo, uma outra alma, era a da velha Margarida.

— Ora que virá cá fazer esta velhota, disse o critico, provavelmente é para me servir de contraste. Quem é vossê, tiazinha?

A pobre mulher fez uma grande mesura, porque pelos modos d'aquelle sujeito julgou ser o proprio S. Pedro.

— Eu sou uma pobre velha sem familia, disse ella, no mundo chamavam-me a tia Margarida.

— Então que fez vossê? fez alguma coisa util, lá na terra?

— Eu, nada, senhor; seria para mim uma grande felicidade se ficasse aqui mesmo junto á porta.

— Mas, como deixou vossê a morada dos mortaes? perguntou o critico, para entreter o tempo em quanto lhe não abriam a porta.

— Ora, senhor, eu na verdade não sei como isto foi; eu padecia ha muitos annos, e uma grande constipação da apunhei ultimamente causou-me a morte. Como v. s.^a sabe ha muitos dias que faz um frio da fortuna; o lago estava gelado: quasi todos os rapazes e raparigas da aldeia patinavam e dansavam sobre o gelo; riam e cantavam que era um gosto ouvir-os; como eu não podia dormir encostei-me á janella a olhar para a lua e para as estrellas que scintillavam no céu: então eu vi, a crescer, a crescer, no horizonte uma nuvem branca com um ponto negro no meio. Para comprehender estes indícios é preciso ter idade e experiencia; já tinha visto duas vezes uma nuvem assim, e eu sabia que em breve uma tempestade terrivel, uma tromba, passaria cheia de raiva e desolação, agitaria o lago quebrando o gelo, e que todos os que alli estivessem, moços e velhos, seriam tragados pelo

abyssmo ou despedaçados pelos bocados de gelo. Reuni todas as minhas forças, quiz abrir a janella; mas o gelo que enchia as juntas não m'a deixou abrir. Dansavam, cantavam, as creanças saltavam sobre o gelo, ninguem reparava na nuvem; e ella crescia, crescia cada vez mais, o ponto negro era já uma fita ondulante; avancava rapidamente. Quebrei um vidro da janella, gritei com todas as minhas forças para avisar os desgraçados; mas a minha voz estava tão fraca, que ninguem a ouviu: tentei correr, mas eu estava inteiriçada de frio e terror; então Deus inspirou-me uma feliz idéa; deitei fogo á cama: pensando que era melhor sacrificar a minha pobre cabana, até a minha vida, se precisa fosse, do que deixar morrer d'um modo tão desgraçado centos de pessoas. As chammas rodeavam-me já, fiz um supremo esforço, cheguei ao limiar da porta, e cahi de fadiga, de dôres e commoção. O fogo alcançou em breve o tecto de colmo; era uma grande fogueira, o clarão avermelhava a superficie inteira do lago, e os patinadores correram á margem para me socorrerem; ninguem ficou sobre o gelo. Quando já estavam todos na terra firme ouviu-se um grande estrondo, a tempestade arrebentou de repente, a tromba rompeu o gelo e quebrou-o em mil pedaços. O incendio cobriu-me de faiscas, eu sentia muitas queimaduras, mas elles... estavam salvos. Levaram-me d'alli, prodigalizaram-me mil cuidados; trabalho perdido; as feridas, o cattarrhal mataram-me. Aqui tem v. s.^a como eu cheguei ás portas do paraizo; ouvi dizer lá na terra que ás vezes dão entrada a creaturas tão miseraveis como eu; comtudo talvez seja grande atrevimento da minha parte pretender tamanho favor.

N'este momento abriram-se de par em par as portas do paraizo, appareceu um anjo, bello e de luminoso sorriso, e pegando nas mãos da pobre velha chegou-a a si, e ella deixou cahir uma miseravel palha, uma das palhas da sua enxerga, — da enxerga que ella tinha queimado; e a palha transformou-se em immensa columna espiralada, toda de purissimo ouro, cheia de mimosos lavores e de esplendidas pedrarias.

— Eis a dadiva d'esta pobre velha, disse o anjo, voltando-se para o critico: e tu, que trazes?... nem mesmo um tijolo. Ainda que a boa vontade tambem vale alguma cousa, não é bastante; nada posso fazer em teu favor...!

Então a boa alma da pobre velha intercedeu pelo vaidoso.

— Foi seu irmão, disse ella, que me deu os tijolos quebrados e me ajudou a construir a minha cabana; para mim foi uma grande esmola. Não poderiam todos esses bocados valer o tijolo que vós quereis? e não é aqui o reino da graça e da misericordia?

— Olha, disse o anjo, é a esmola de teu irmão, do irmão que tu mais desprezavas, que te permite a entrada no paraizo. Mas, não encontrarás tu alguma boa acção em toda a tua vida, em que se manifeste a bondade espontanea d'um coração? vê, reflecte, e depois eu te deixarei entrar.

E o anjo afastou-se.
— Não falla mal, disse o critico vaidoso, mas sempre julguei que houvesse por aqui maiores oradores; eu sou capaz de fallar muito melhor.

Esta reflexão foi em voz baixa para não ofen-

der o anjo, que ainda não ia longe; attenção muito apreciavel entre os criticos.

A porta ficara apenas cerrada, e elle, aproveitando o esquecimento do anjo, penetrou sorrateiramente no paraizo. Mas que fará elle no paraizo? É provavel que não encontre emprego.

GABRIEL PEREIRA.



VERSOS AO JULIO

A AMBICIOSA

Lá está *Nini* recostada,
Como á merenda costuma,
Na sua fôfa almofada
Estofada
Da mais fina sumáuma.

Nini, ditosa creança,
Tudo quer e tudo pede;
Vive em continua folgança
Que a abastança
Largamente lhe concede.

Faz tudo quanto emprehenda,
Não ha pesar que a amofine;
Tem ricos bibes de renda,
D'encommenda,
Feitos na loja da Aline.

Tem bonecos exquisitos
De fino gosto francez,
Argolas, rocas e apitos,
— Bem bonitos
Da loja do 103.

Lindas toucas p'ra a cabeça,
Roupões de farta pellica,
Tudo, emfim, quanto appetiteça,
E a travessa
Quanto mais tem, mais cubiça !

Lá está ella n'este instante,
Co'as faces côr de cereja,
N'um desespero incessante,
Anhelante,
A pedir o quer que seja...

Deixa a argola e a cafeteira,
Que lhe deram p'ra brincar,
E ao sentir-se na cadeira
Prisioneira,
Não descança de berrar...

Mexendo a pequena mão,
Deitou fóra o guardanapo,
E os bonitos que alli estão
Vão ao chão
Se lhe arruma algum sopapo...

Hei-de vel-a, satisfeito,
De raiva tornar-se verde,
Aprendendo em seu proveito
O preceito:
Quem tudo quer, tudo perde...

D. MARIA DO Ó.

ALEGRIAS

Sentado n'um banco do Rocio estava um pobre diabo, vestido miseravelmente e com as botas rotas. Proximo do banco, em pé, formando grupo, estavam uns quatro estroinas, um dos quaes tinha o cotovello do casaco todo roto. Para se fazer engraçado, dirigiu-se ao que estava sentado e perguntou-lhe:

— De que se riem as suas botas?

— Do seu cotovello! — respondeu o outro sem se alterar.

Dizia um poeta vaidoso:

— Os meus versos não me custam nada a fazer.

Alguem lhe respondeu:

— Custam-lhe o mesmo que valem.

Recolhia a Coimbra um rancho de estudantes, indo entre elles um caloiro muito pateta, que padecia dos olhos. Como lhe tinham dito que para essa doença era bom fazer uso de agua salgada, levava consigo duas garrafas cheias.

Um dos companheiros, rapaz engraçado, volta-se para elle e diz-lhe:

— Ó Thomé, tu vaes n'um grande perigo.

— Porque?

— Ora porque! então não trazes ahi agua salgada?

— Trago, sim.

— E não te lembras, meu palerma, que d'aqui a pouco a maré começa a encher, e que então a agua salgada, crescendo dentro das garrafas, as fará rebentar, atirando-te á cara os fragmentos de vidro?...

— É verdade! — exclamou o Thomé.

E atirou fóra as garrafas.

A senhora Brohan perguntou a Horacio Vermet, que differença havia entre as mulheres e os relógios.

— Simplesmente — respondeu o pintor — que os relógios marcam as horas, e as mulheres nol'as fazem esquecer.

Andando um negro da Jamaica a varrer, encontrou uma moeda de prata, que foi entregar ao seu senhor. Disse-lhe este:

— Guarda-a para ti, em premio da tua fidelidade.

Pouco tempo depois, tendo o senhor perdido uma carteira com bastante oiro, e procurando-a inutilmente por toda a casa, lembrou-se de perguntar ao negro se a tinha visto.

— Sim, meu senhor — respondeu elle — e guardei-a para mim, em premio da minha fidelidade do outro dia.

HORAS ENTRETIDAS

90 — PALAVRAS QUADRADAS

Vês além aquelle monte?
Em casa do encadernador.
O que o leite póde dar
E uma herva, meu leitor.

Monchique

CUNHA & C^a

91 — LOGOGRIFFO POR LETTRAS

Sou uma ave da America — 3 — 6 — 5 — 4 — 8 — 1
Sou coisa muito estimada — 2 — 5 — 4 — 3 — 6
Sou ratabana chinesa — 4 — 1 — 6 — 3 — 4 — 8
E planta aromatisada — 2 — 5 — 6 — 7 — 8

Sou serpente do Ceylão — 3 — 2 — 5 — 4 — 8 — 2 — 7 — 1
E sujeito liberal — 7 — 8 — 3 — 7 — 8 — 6
Sou logar de devoção — 1 — 6 — 3
E tambem um vegetal — 4 — 1 — 2 — 2 — 5

Sou attributo das aves — 4 — 3 — 2 — 8 — 6 — 1
De custo muito elevado — 4 — 1 — 6 — 8
Sou legume bem preciso — 1 — 6 — 3 — 4 — 8
P'ra quem é assim safado — 7 — 8 — 2 — 7 — 8

Sou tudo isto, leitores,
E se quizeres serei mais
Legume preto e brilhante
Das Indias orientaes.

Viztu

O PEQUENO ANTONINHO.

92 — CHARADA

Se bem que estou por cima — 2
Eu sempre em baixo estou — 1
Ninguém, ninguém duvide
Que flôr e rio sou — 1

Se o conceito deseje
Procure-me na egreja.

Lisboa

ALICE.

93 — CHARADA NOVISSIMA

No leão, na musica e tambem na frasqueira — 2 — 1

Lisboa

HERMINIA.

94 — CHARADA NOVISSIMA

Em Bordeus este fructo é insecto — 1 — 3

Monchique

CUNHA & C^a

95 — CHARADA NOVISSIMA

Este poema positivo é purpurno — 2 — 1

Vizeu

Bébé.

96 — CHARADA NOVISSIMA

Esta raiz, e a primeira é animal — 2 — 1

Vizeu

TRAVESSO & C^a

97 — CHARADA

D'este animal o r tirará — 2
Na Beira Alta meu nome acharás — 2

Do conceito nada digo,
Porque se o digo,
Vês logo, leitor amigo,
De familia um appellido.

Lisboa

HERMINIA

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

81, Rosalina — 82, Barbaçan — 83, Ourlo — 84, Pataca — 85, Bisca — 86, Cata-sol — 87, Linha-Linho — 88, Metamorphose — 89,

OPIO
PERU
IRIS
OUSO

ERRATA

O problema n.º 89 pertencia ao ladino Bébé. O seu a seu dono.